

ARO -
NEGRO DO TABULEIRO

Dinha do Acarajé

Fragmento da crônica "O que a baiana tem" do livro O Trancelim da Baiana

Tomo como símbolo da baiana autêntica que é o traço de nossa representação folclórica, **Lindinalva de Assis**, a Dinha do Acarajé do Largo de Santana, estabelecida há anos no bairro do Rio Vermelho, um dos mais antigos da capital. Negra retinha, lábios carnudos, sorriso fácil, com humor dando vivas a Deus, personifica bem o modelo de baiana típica. Sua conversa é lenta, dengosa, repleta de ais e cifrados, e o seu jeito de tratar as pessoas – mesmo clientes novatos – é de uma simpatia irradiante.

Conheci-a no início dos anos 1980 quando fui escalado para realizar uma reportagem sobre sua pessoa e o seu (já então) famoso acarajé. Residia numa casa no Engenho Velho da Federação, onde morou até 1994, até transferir-se para a Rua Visconde de Cachoeira, no Rio Vermelho, onde atualmente reside. Naquela época, cheguei em sua casa de moto através de uma ladeira sem calçamento, quase intransitável para veículos, e encontrei-a fazendo as unhas e dando um trato nos cabelos, cercada de mucamas e empregados que cuidavam dos produtos que vendia (e vende até hoje) no seu tabuleiro do Largo do Santana.

Faz isso nos dias atuais com a mesma simplicidade, sem dar-se conta de que é uma das figuras mais populares da cidade do Salvador.

Em casa vive como uma espécie de rainha cercada por sua corte. Orienta no trato do feijão fradinho, determina a seleção dos camarões, conversa com fornecedores, confere a marca do azeite e a textura da cebola, atende ao telefone e, sobretudo cuida das finanças da família.

Aliás, naquela época, esse era o objetivo da reportagem: Como vivia Dinha e sua corte.

- Sei não – dizia ela em sua peculiar timidez – Acarajé é uma arte. Tudo tem que ser do bom e do melhor: o azeite, o fogo, a massa, o feijão. Nada pode ser de segunda. Só compro produtos de primeira,

FRANCO, TASSO. O Trancelim da Baiana. Salvador: Relume Dumará, 2002.

vejo tudo, olho peça por peça. E daí por que dizem que o meu acarajé é o melhor da cidade.

Amoldava-se na cadeira e dava outro rumo à conversa sem perder a pose e assumindo a vaidade ao pôr uma camada de batom sobre os lábios: - Quero que minha filha seja doutora. Penso assim, mas pode ser que não. A vida tem muitas surpresas e adoro o que faço. Quem sabe o futuro dela não será o mesmo da mãe!

Dinha representa a baiana autêntica (e imaginária) cantada por Caymmi: tem o gingado, a beleza, a fala cifrada e o remelexo.

Tasso Franco